

Zona leste de SP tem menos blocos de Carnaval

Maioria das atrações de rua desfila na região central ou oeste da capital paulista; região tem escolas de samba e bailes

DELTA FOLHA

Leticia Padua e Uirá Machado

SÃO PAULO Quem passa pelo centro de São Paulo na época do Carnaval pode ficar com a impressão de que é quase impossível andar pela cidade sem dar de cara com um grupo de foliões. E pode até ser verdade — no centro de São Paulo. Em outras partes da capital paulista, o cenário é bem diferente. Dados da prefeitura compila-

dos na quinta-feira (16) revelam uma “desigualdade carnavalesca” bastante acentuada. A zona leste, por exemplo, é ao mesmo tempo a região com mais habitantes e com menos blocos de Carnaval. São 57, ou cerca de 12% do total (457), exatamente a metade dos 114 que circulam pelas ruas da região central e menos do que isso em relação aos 128 da zona oeste.

Com seus pouco mais de 4,4 milhões de moradores (dados do Censo de 2010, o mais recente) distribuídos entre 12

subprefeituras, a zona leste de São Paulo possui 1 bloco para cada 71 mil pessoas. No centro, formado apenas pela Subprefeitura da Sé, essa proporção é de 1 bloco para cada 3.780 pessoas. É nessa parte da cidade que saiu o conhecido Acadêmicos do Baixo Augusta no domingo (12). O Carnaval de São Paulo não é exclusivamente formado por blocos, e a zona leste tem escolas de samba e bailes em clubes. Mas, ao se observar a distribuição das festas de rua, nota-se o desequilíbrio.

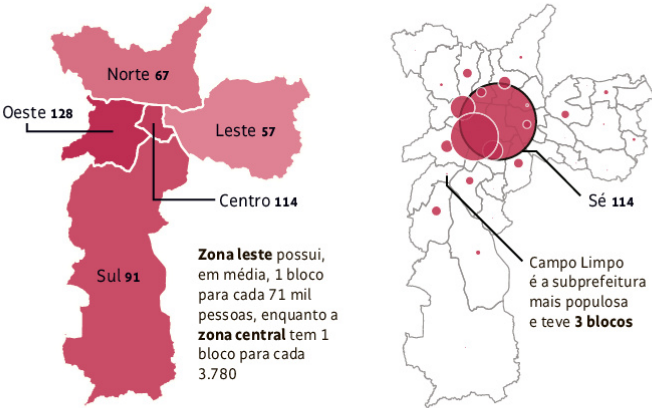
A “desigualdade carnavalesca” dos blocos também existe dentro da própria região. Mooca e Penha, dois bairros mais próximos do centro, concentram 25 dos 57 blocos da região, enquanto Itaim Paulista, subprefeitura com mais moradores por metro quadrado, tem apenas duas dessas atrações. Também existem diferenças expressivas quando se considera o tamanho das regiões. A zona sul, a mais extensa da capital, tem 0,13 bloquinho a cada km², enquanto o centro, sempre ele, tem 4,35 por km².

Nem os 20 megabloques se espalham pela cidade. Atracções com expectativa de reunir entre 100 mil e 500 mil foliões, nenhuma delas desfila pela região leste, enquanto dez ficam concentradas no entorno do parque Ibirapuera, na zona sul. São os casos do bloco da Pablo Vittar, no domingo (19), às 13h, e do BaianaSystem, no dia 25, às 13h. Mas nem tudo é desigual. Os estilos musicais dos blocos, por exemplo, distribuem-se de forma homogênea pela cidade, com marchinhas e

samba dominando as paradas. A julgar pela previsão do tempo, a chuva e o frio também serão iguais para todos, com a virada no clima a partir de sábado (18). No final de semana de pré-Carnaval, essa já foi a tônica, o que contribuiu para esvaziar vários blocos.

E, como acontece em todos os anos, os furtos e roubos, sobretudo de celulares, devem ser onipresentes. Desta vez, com uma novidade: ladrões usando spray de pimenta para atordoar foliões e levar seus pertences.

Região mais populosa de São Paulo, zona leste é a que tem menos blocos



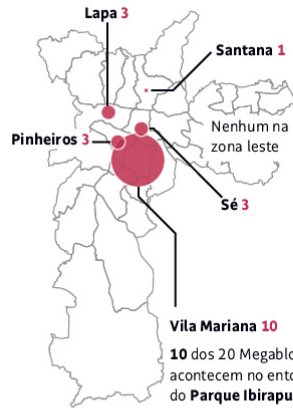
Blocos na zona leste



Fonte: Prefeitura de São Paulo. Dados de 16.fev às 13h00

Megabloques

Expectativa de público maior que 100 mil pessoas

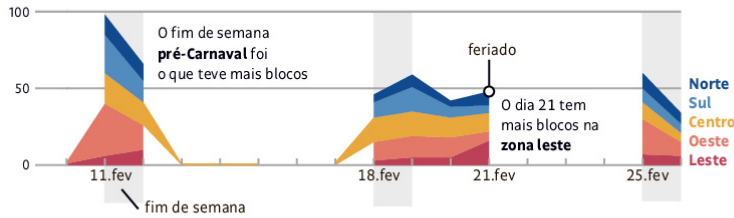


Megabloques da Vila Mariana

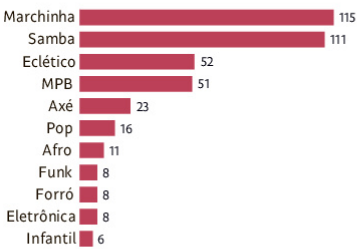
Atrações como Pablo Vittar, Preta Gil, Alceu Valença e BaianaSystem são exemplos que seguirão esse trajeto



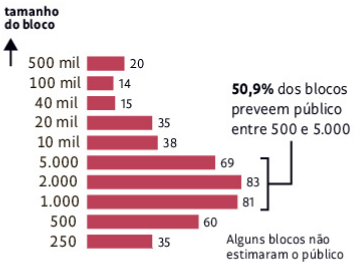
Blocos por dia



Estilos musicais mais frequentes



Expectativa máxima de público



Fantasia de ‘White Lotus’, rainha Elizabeth, e geleia da Shakira fazem sucesso

Bruno Lucca

SÃO PAULO Na volta do Carnaval às ruas do país, não são somente os hits, sejam novos ou atemporais, e dancinhas do TikTok que fazem sucesso. Um desfile de fantasias curiosas e criativas já deu as caras no pré-Carnaval.

Foliões vestidos como a rainha Elizabeth 2ª, morta em setembro, e como o Zé Gotinha, símbolo das campanhas de vacinação do Brasil, se jogaram nas festividades.

Betinha, como a monarca mais longe da história britânica é apelidada nas redes sociais brasileiras, foi tema de uma turma de amigos que esteve no bloco do Suvaco do Cristo, histórico grupo do Jardim Botânico, zona sul do Rio de Janeiro, no domingo (12). Os foliões levaram à rua looks da monarca que foi o grande símbolo da Casa de Windsor.

Já o Zé Gotinha, que no auge da pandemia de Covid-19 chegou a aparecer com uma

arma nas mãos, em imagem divulgada pelos filhos do então presidente Jair Bolsonaro (PL), se jogou no aperto caloroso do Acadêmicos do Baixo Augusta, que arrastou uma multidão no domingo (12), em São Paulo. O personagem foi a fantasia escolhida pelo professor universitário Tiago Campos, 35. “O Zé Gotinha não morreu, está vivíssimo e na farra com o povo que ajudou a vacinar”, disse.

A vacinação contra a Covid foi também celebrada nos cortejos, assim como o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Na festa do Baixo Augusta, por exemplo, o petista foi aclamado durante o desfile.

E como não poderia deixar de ser quando se trata de Carnaval, a criatividade rolou solta. A história de que um pote de geleia da Shakira teria ajudado a cantora a descobrir a traição do ex-marido Gerard Piqué virou fantasia.

E são vários os foliões que tiveram essa mesma ideia,



Gustavo Stephan - 12.fev.23/Riotur



Luciola Villela - 12.fev.23/Riotur

com inúmeras variações do mesmo tema. A imagem de um rapaz vestido de geleia da Shakira no metrô viralizou nas redes sociais.

Nas ruas, homens e mulheres também se mostraram dispostos a soltar suas feras. Felinos, equinos, bovinos, insetos e roedores pulavam enfeites pelos blocos. E, como já é tradição, fadas, deuses, anjos e demônios deram as caras.

Produtos culturais de sucesso também inspiraram foliões. Além dos já carimbados super-heróis e heroínas, vilões e vilãs, uma frase que marcante da minissérie “The White Lotus” (HBO) também virou fantasia: “These gays, they’re trying to murder me” (Estes gays, eles estão tentando me assassinar, em português).

As palavras de Tanya, personagem da vencedora do Globo de Ouro Jennifer Coolidge, 61, ficaram tão famosas quanto a própria trama, um fenômeno do audiovisual em 2022.

Objetos de polêmica, contudo, como homens travestidos de mulher, ainda aparecem por aí. A crítica a esse tipo de traje é a de reforçar a violência contra travestis.

No mais, pouca roupa também é fantasia quando se trata de Carnaval.